

• 5 DEZ 1984

Brasil cresce de novo

CORREIO BRAZILEIRO

Após três anos de recessão, a economia brasileira apresentará ao final deste exercício crescimento da ordem de 3,4%. Esse resultado corresponderá a um fenômeno indicativo de que, apesar da inflação, mais do que nunca impermeável às medidas de contenção postas em vigor pelo Governo, o País já rompeu a primeira e mais resistente barreira no sentido de reconquistar a estabilidade. O incremento inflacionário será de mais de nove por cento sobre o índice de 1983, passando de uma expansão de preços de 209% para 218,6%.

Apresentados pelo Banco Central aos representantes no País dos banqueiros internacionais, os indicadores atuais da economia brasileira servirão de base à nova versão do Programa de Ajustamento. A partir desse novo documento, o Governo estabelecerá com o FMI as metas da economia brasileira para 1985, uma das quais é reduzir a inflação a 165%.

O crescimento do Produto Interno Bruto, malgrado deva ficar abaixo do percentual apurado em 1979, irá permitir melhoria significativa na distribuição da renda nacional. Aqui aparece o primeiro efeito social da retomada do crescimento, desde que a recomposição do perfil da renda, provocada

pela apropriação social de mais excedentes líquidos das operações econômicas, elevará as condições de sobrevivência das camadas mais sacrificadas da sociedade.

Os números revelados pelo Banco Central impressionam por vários motivos, mas, principalmente, por um detalhe: o Brasil conseguiu elevar-se acima da estagnação, crescendo 3,4% em 1984, embora houvesse aumento de mais de nove por cento na expansão inflacionária. Trata-se de uma demonstração definitiva do potencial econômico do País, assim credenciado perante a opinião pública internacional para converter os credores brasileiros às suas teses. E, entre estas, é preciso destacar o reescalonamento da dívida externa e nova ordenação para as amortizações, de modo que parte dos saldos da balança comercial possam ser aplicados nos projetos internos de desenvolvimento.

O fortalecimento da economia brasileira se deve, em grande parte, ao desempenho da balança comercial, que deverá fechar este ano apresentando saldo em divisas superior a US\$ 12 bilhões. Mas decorre também, embora em proporção menos significativa, da reativação do parque industrial, cujos índices de ociosidade começam a cair. Tanto um como outro

aspectos da expansão econômica se ligam diretamente ao aumento da oferta de empregos, com repercussão favorável sobre as tensões sociais geradas pela desativação de parte da força de trabalho.

É evidente, contudo, que a retomada do crescimento na dimensão proposta pelo desempenho da economia este ano não resolve todos os problemas que afligem o sistema econômico. Em primeiro lugar, porque a permanência da inflação nos níveis atuais reduz significativamente o impacto das melhorias provocadas pelo aumento do Produto Interno Bruto. E, em segundo lugar, porque a lastreação do processo produtivo com primazia para a exportação torna a economia dependente de flutuações de mercado nem sempre favoráveis ao País.

Como o atual Governo, prestes ao encerramento de seu mandato, não dispõe de tempo material para reordenar a economia, caberá ao futuro Presidente da República tomar providências nessa direção. Afinal, poderá contar com um fator novo e economicamente sugestivo, que é a retomada do crescimento, ainda que sob os efeitos maléficos de uma inflação renitente às medidas de controle que até agora lhe foram impostas.

Economia
Brasil